

MODERNIDADE LÍQUIDA: uma discussão sobre o sujeito contemporâneo

Daysiane Silva MONTEIRO¹
Zara Araújo RIOS²
Maria de Fátima Batista COSTA³

Resumo

Esse trabalho teve por objetivo investigar as angústias do sujeito contemporâneo envolto nas intensas transformações ocorridas nas relações sociais nos últimos tempos. O ponto de partida para reflexão é o trabalho do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI se debruçou sistematicamente sobre os cenários das mudanças ocorridas no período cunhando conceitos que se tornarão referência no campo da sociologia e outras áreas das ciências humanas, tais como modernidade líquida, amor líquido, medo líquido, etc. O trabalho discorre sobre as transformações do sujeito que encarna as drásticas mudanças de configuração de mundo, sendo impulsionado por algo que Bauman descreve como 'reinvenção compulsiva e viciante do mundo', onde o modo de se relacionar consigo e com os outros passa a ser regido predominantemente lógica da relação produção/do consumo do capitalismo contemporâneo. A liquidez que Bauman problematiza na contemporaneidade em contraposição com o projeto da modernidade, é identificada em vários campos da experiência humana remodelando as relações sócio, política, culturais, subjetivas, etc.

Palavras-Chave: Modernidade líquida; Modernidade; Solidez; Fluidez; Capitalismo; Consumo.

Abstract

This work aimed to investigate the anguish of the contemporary subject involved in the intense transformations that have occurred in social relations in recent times.

1 Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciência Humana – ESUDA. Email: daysianemonteiro.dm@gmail.com

2 Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciência Humana – ESUDA. Email: araujo.zara@gmail.com

3 Professora da Faculdade ESUDA. mfbcostapt@gmail.com

The starting point for reflection is the work of the Polish sociologist Zygmunt Bauman, who throughout the second half of the XXth century and the beginning of the XXIst century systematically focused on the scenarios of changes that occurred in the period, coining concepts that will become a reference in the field of sociology. and other areas of the human sciences, such as liquid modernity, liquid love, liquid fear, etc. The work discusses the transformations of the subject who embodies the drastic changes in the configuration of the world, being driven by something that Bauman describes as 'compulsive and addictive reinvention of the world', where the way of relating to oneself and to others becomes governed predominantly logic of the production/consumption relationship of contemporary capitalism. The liquidity that Bauman problematizes in contemporaneity as opposed to the project of modernity is identified in several fields of human experience, remodeling social, political, cultural, subjective relationships, etc.

Keywords: Liquid modernity; Modernity; Solidity; Fluidity; Capitalism; Consumption.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender a relevância a social da tese da *modernidade líquida* desenvolvida pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. O objetivo enfoca o estudo das relações do sujeito contemporâneo existindo em sociedades regidas por novas modos de se relacionar e se conectar.

Para elencar as trabalhar as ideias principais foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas obras *O mal-estar da pós-modernidade*, *Em busca da política*, *Modernidade líquida*, *Amor Líquido* e *Vidas desperdiçadas*. O suporte teórico para compreender as ideias de Bauman veio da contribuição de Marx e Engels, amplamente citados pelo sociólogo. O método de pesquisa em curso propicia liberdade para pensar a modernidade no âmbito da vida contemporânea.

Busca-se refletir de que modo o conceito de *modernidade líquida* alcançou as mudanças e transformações vividas pelo mundo ocidental no âmbito das relações dos homens entre si, dos homens com o avanço das tecnologias sobre os domínios da vida, com as mudanças ocorridas no plano da moral, dos costumes, dos hábitos, das práticas afetivas, dos usos e desusos com o mundo. Como são estabelecidas as relações do sujeito na contemporaneidade? como ele se percebe nesse contexto de mudança constante e de que modo se encaixa em

sociedades imediatista, em que nada permanece, tudo é efêmero, onde os mercados ditam as regras relacionais, até mesmo das relações intersubjetivas reforçando até mesmo o consumo do outro como meta social, fragilizando com isso ainda mais os laços humanos. Quais as consequências de tais transformações e procedimentos? Que implicações esse processo pode acarretar na vida dos homens?

2. MODERNIDADE E O CAPITALISMO DESESTRUTURANTE

A Modernidade em seus contextos históricos é definida pela ruptura com as tradições anteriores. O próprio conceito de modernidade tem uma história que está ligada com a quebra do antigo e a instalação do novo. A modernidade compreendida como acontecimento que marca o ocidente a partir do século XVI é um movimento que se desdobra em todos os âmbitos da vida humana, não apenas na filosofia, na ciência, na economia, mas na tecnologia, na moral, nos costumes, na política e também na estrutura das afecções. Este movimento da modernidade, cria ele próprio suas regras, suas práticas, seus círculos de transformações que mais e mais são acelerados na medida em que todo o aparato técnico e tecnológico, de saber e de poder, de controle e de impulsos vão se expandindo e retroalimentando as transformações contínuas criando assim círculos de permanência e mudanças cada vez mais céleres.

Ao longo dos séculos, vários são os pensadores que debruçam sobre tais questões. No século XX, Bauman será um dos expoentes mais importantes na medida em que aponta que a quebra de protocolos referentes aos costumes, valores e crenças perpetuados, como também o uso da razão na base dos ideais disseminados de cada época (BAUMAN, 2009, p. 20), ou seja, aquilo que parecia sólido para as épocas, desintegra, ruí ao sinal das mudanças que abalam as estruturas das ideias e ideais que as sustentam.

Com relação ao século XX, vários pensadores tentaram achar uma origem fundamental para as transformações que nele operaram. O fato é que foi um século marcado agitado por uma convulsão de transformações que em muito se

deveu à complexificação dos meios de comunicação de massa, ao avanço irrefreável da tecnologia e da técnica, e à ampliação de lutas e conquistas em todos os setores da vida humana e também do excesso de guerras e conflitos que tornou impossível uma leitura única, totalizante para o conjunto dos acontecimentos e suas ressonâncias.

Em todas as épocas os homens sempre procuraram modernizar os meios e mecanismos para melhorarem as condições materiais e imateriais de suas existências, seja através da representação de símbolos como desenhos e comunicação não-verbal, do desenvolvimento das ferramentas, criação da agricultura para se estabelecer e fixar em um território, até a criação de nações, construindo e desconstruindo as relações sociais. Segundo (BERMAN, 1996, p. 16) dois momentos históricos no processo evolutivo na história da humanidade, foram determinantes para Modernidade se estabelecer, a Revolução Francesa, que trouxe novas reflexões sobre o estilo de vida à luz da ciência e da razão, mudanças nas organizações sociais e políticas do antigo regime, apresentando o ideal do ser emancipado, com livre arbítrio podendo se autogerir, abandonando a prisão moral apresentada pela religião.

O segundo momento foi a Revolução Industrial iniciada na Inglaterra, que transformou de forma radical a maneira de trabalhar, e de operar no mundo da vida e de se relacionar com as pessoas e com o próprio capital. Uma nova forma e relação de trabalho foi criada onde as mercadorias deixaram de ser artesanais e passam a ser manufaturadas, criando o método de divisão de trabalho, que ampliava a quantidade e velocidade em que as mercadorias eram produzidas e consumidas. Como afirma Marx e Engels (1999, p.09)

Todavia, os mercados ampliavam-se, cada vez mais a procura por mercadorias continuavam a aumentar (...) O vapor e maquinaria revolucionaram a produção industrial. (...) A grande indústria criou o mercado mundial (...) que acelerou enormemente o desenvolvimento do comércio, da navegação, dos meios de comunicação. Este desenvolvimento por sua vez reagiu sobre a expansão da indústria; à medida que a indústria, o comércio, a navegação, as vias férreas se desenvolviam, crescia a burguesia, multiplicando seus capitais.

Os autores ainda sustentam que, como consequência da ruptura com as antigas estruturas, mudanças econômicas aceleraram e consolidaram o capitalismo como sistema econômico.

Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte. Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países (Marx e Engels, 2009, p. 12).

Com o capitalismo implantado, o mundo fica integrado, quer dizer, o sistema de consumo e produção é de tal modo interligado que tudo depende de tudo e de todos num círculo que cada vez mais amplia e limita o próprio círculo, ou seja, globalizado, não há mais fronteiras territoriais pelo menos para a s mercadorias, ideias e ideais, todos estão conectados em tempo integral, desconstruindo assim os arquétipos de localização e de territórios em todos os graus das relações, já que passaram a serem pautadas nos ideais capitalistas do consumo. É a este processo contínuo de liquefação de todas as relações, sejam elas materiais ou imateriais, que Bauman define como *modernidade líquida* apontando a fragilidade e rapidez com que caminham os tempos atuais. Bauman problematiza o que Marx e Engels já haviam diagnosticado, o derretimento da solidez em todos os campos da vida humana

Essa revolução contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas os precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais e cristalizadas (...) tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo que era sagrado é profano (1999, p. 12).

3. ROMPIMENTO DA SOLIDEZ

O conceito de modernidade sólida é definido por (BAUMAN, 2001, p.22) para caracterizar as antigas estruturas sociais características das monarquias, sistemas políticos e de poder onde não havia possibilidade de mudanças, eram estruturas rígidas, pré-definidas, consideradas relativamente estáveis, onde havia estratos que eram intransponíveis, sem espaço para mobilidade social. Nesse tipo

de ordem social, econômica e política, não há espaço para mudanças rápidas, há uma dificuldade de adaptação ao novo. Com isso Bauman sugere que apesar do elevado nível de equilíbrio nas estruturas sociais, ocorriam mudanças sociais, políticas e econômicas dentro da modernidade sólida, entretanto elas se dão de maneira relativamente ordenada e previsível. De acordo com Bauman (2001, p.43) as pessoas viviam segundo normas, tradições, com vidas e atividades organizadas, dentro de instituições estáveis. Eram tempos que os indivíduos tinham certezas sobre a vida, tempo, economia, família.

Este período lido como *modernidade sólida* por (BAUMAN, 2001) é marcada por um ideal unilateral e progressivo, que atribuiu à razão a função de valor iluminadora, emancipadora da humanidade, estando institucionalmente agregado a figura do estado que era um ponto essencial de referência social, político e econômico. A partir disso entende-se que à medida em que o conhecimento científico avança, avança também como entendimento e controle da sociedade dos mundos natural e social.

Bauman explicita que com o desenvolvimento e expansão do capitalismo pelo mundo, cinco desdobramentos distintos que determinam a transição da *modernidade sólida* para a *líquida* se fizeram notar, e que, apesar de diferentes, eles estão diretamente conectados, sendo um a causa ou consequência do outro (BAUMAN, 2007, p. 65). Os desdobramentos seriam: os estados-nação não são mais estruturas fundamentais da sociedade e os governos nacionais perdem boa parte do seu poder interventor, cedendo espaço para a sociedade nacional e internacionalmente, podendo elas intervir nas políticas públicas. Segundo ponto é ascensão do capitalismo global e o crescimento de companhias multinacionais, com a autoridade do estado descentralizada, as regras variam de acordo com o país, para Bauman, isso possibilita a perda da ideia de controle sob os processos do mundo (BAUMAN, 2001). Terceiro é o avanço ou a revolução tecnológica, onde a evolução constante dos eletrônicos e da internet possibilita o fluxo de comunicação imediata e supranacional. É aberto um espaço para a hiperconectividade, tornando possível estar em qualquer lugar ao mesmo tempo sem está. Na leitura de Bauman o quarto ponto (2001, p. 94) é a movimento

gerado pelas preocupações das sociedades com o risco iminente de tais transformações, sociedade cotidianamente mergulhadas na insegurança e danos potenciais gerados pelo estado de coisa e como os mercados se utilizam dessas inseguranças para acúmulo de capital, para o acirramento das diferenças e distinções sociais, bem como da exclusão de grandes grupos sociais colocados à margem do processo gerando o quinto ponto identificado por Bauman, a migração em larga escala, milhões de pessoas saindo de seus países em busca de experiências através do contato com outras culturas, ou até mesmo, uma vida mais digna e prospera. Entretanto (BAUMAN, 2001) distingue dois grupos de indivíduos que estão nesse movimento, o que ele define como “turistas”, que são socialmente privilegiados e se beneficiam da fluidez, sendo capazes de agir nos locais onde as condições econômicas são mais favoráveis e padrões de vida mais altos. E no outro extremo, os “vagabundos”, considerados imóveis ou sujeitos à mobilidade forçada, incluídos no grande grupo dos desempregados, dos subempregados ou dos desajustados aos sistemas, caracterizados pelo baixo padrão de vida, excluídos da cultura e do consumo.

Para o sociólogo, esse conjunto que questões marcam a transição da *modernidade sólida* para a *líquida*.

4. MODERNIDADE LÍQUIDA

Segundo Bauman a *modernidade líquida* se revela (2001) quando as antigas estruturas que compunham a rigidez da *modernidade sólida* se expõem corroídas e fragmentadas pelas mudanças causadas num mundo globalizado de caráter capitalista, onde o consumo se estabelece de forma sistêmica em todos os âmbitos sociais da vida humana. Tendo identificado os traços da *modernidade sólida*, (BAUMAN, 2001) alega que a partir disso é possível definir os aspectos mais importantes da *modernidade líquida*. Segundo ele esse mundo remodelado surge com a quebra do sistema baseado na racionalidade, onde era importante o indivíduo se adequar à sociedade em que estava inserido, à religião e o nacionalismo, com um sentimento de comunhão e pertencimento. O indivíduo construía sua identidade a partir dessas referências. A *modernidade líquida* marca

a quebra do ideal iluminista, as figuras de autoridade na *modernidade sólida* passaram a ocupar um status ambíguo como guardiões da verdade, sendo vistos cada vez mais como causadores de problemas ambientais e sociopolíticos, mas também como solução, o que leva o grande público ao ceticismo. A liquidez da situação contemporânea minou as certezas do indivíduo no que diz respeito a emprego a noção de “emprego para toda a vida” tornou-se irreal e inalcançável (BAUMAN, 2001), educação e bem-estar, relações afetivas, religiões, etc. Nas palavras do autor:

A passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” – ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (BAUMAN, 2007/2007, p. 7)

Ao fazer uma análise da complexidade das questões do século XX apontando o caráter de liquidez de todas as relações, das macro às micro, (BAUMAN, 2001), o sociólogo faz uma exposição das mudanças ocorridas na individualidade do sujeito que, acreditando que sua identidade, antes marcada por bases como status profissional e laços familiares, agora se vê moldada pelas relações de consumo onde o indivíduo pensa agir apenas por si, conquistar espaço público e privado em base exclusiva dos próprios méritos, não reconhecendo as relações de cooperação ou solidariedade, compreendendo o processo de emancipação como apartação, e por isso mesmo buscando segurança apenas nas relações afetivas próximas e na experiência da ‘realização pessoal’ a partir do trabalho cada vez mais ameaçado. Este sujeito vai do trabalho baseado na ideia de progresso à experiência do desemprego estrutural que tornou instável todas as relações profissionais, vai da prática da comunidade de pertencimento à experimentação da individualidade exacerbada, promovendo um enfraquecimento da própria noção de pertença, onde os laços estabelecidos em redes, com conexões feitas e desfeitas por interesses contextuais, têm suas

ligações afiançadas em eventos rápidos e simultâneos provocando o açodamento constante de uma subjetividade acossada.

Essas mudanças demarcam a percepção do sentimento de fluidez das situações, relações e conquistas, causando a inconstância da vida, isolamento afetivo e individualismo nas relações de trabalho e comunidade. A modernização em si é a solução para as necessidades de cada época, ou seja, o sujeito é consequência e produto do seu período histórico ou como cita (MARX, 1982, p.73), produto do meio ou da sociedade no qual está inserido.

5. SUJEITO CONTEMPORÂNEO E A IMERÇÃO NA CULTURA DO CONSUMO-DESCARTE

Segundo Bauman (1998, 2000, 2001), vários aspectos da sociedade contemporânea passam por transformações diversas que resultam numa “dissolução” social de tal porte que as mudanças fazem com que as instituições sociais falhem com sua rigidez e se fluidifiquem, tornando-se estruturalmente indefinidas, como os líquidos, ou seja o processo de liquefação social. A modernidade líquida é marcada por uma experiência cultural que se propõe como momento do desapego do processo da individualização e provisoriedade; uma sociedade que enfatiza a liberdade como caminho para viver e ao mesmo tempo em que a insegurança funciona como contestação a esta probabilidade de liberdade (BAUMAN, 1998, 2000, 2001). O indivíduo no contemporâneo é marcado pelo sentimento de impotência.

Minois (2019, p.410) retrata o indivíduo como confrontado a fazer escolhas a todo momento e responsável por si, elaborando sua existência na angústia, onde o “realizar-se” é seu próprio dever.

Numa sociedade onde tudo é questão de sedução, é preciso saber vender-se, dar prova de motivação, de dinamismo, dar uma imagem positiva de si. O culto ao look e do corpo, o pesadelo dos sinais de envelhecimento e dos traços pouco graciosos são uma obsessão suplementar. É preciso, ao mesmo tempo, ser diferente e reconhecido por seus pares. E todas essas obrigações são muito mais pesadas do que eram as regras sociais de outrora, que requeriam apenas obediência e conformismo (MINOIS, 2019, p 410)

Bauman (2007, p. 7) expõe que não há um ponto de partida ou um projeto de vida a ser seguido, estão todos entregues à responsabilidade de percorrerem suas vidas sem alusão a tradição. Para o autor a chave das novas relações está na facilidade de esquecer o outro, de se desconectar, termo que revela sua mais ampla utilidade “conexão/desconexão”.

Todos os estão ocupados e concentrados nas diversas atividades a serem executadas na correria do dia a dia, são poucos que têm disposição e tempo para o outro. Mesmo os mais próximos, são completos desconhecidos, já que não há troca suficiente ou profundidade para a experiência do tempo com o outro. Nesse contexto, a relação é mercantilizada e os laços de afeto são desfeitos no enfrentamento de qualquer desacordo breve ou longo. Percebe-se que: “O interesse público é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados” Bauman (2001, p. 46, *apud* PICCHIONI, 2007, p. 04).

Vivemos transformações sociais aceleradas onde as dissoluções dos laços afetivos e sociais são o centro da questão. O derretimento das crenças ‘sólidas’ expõe o desprendimento e a provisoriedade manifestando uma sensação de liberdade (suposta) contrária a evidência do desamparo social em que se encontram os indivíduos moderno-líquidos (PICCHIONI, 2008, p.02).

Na compreensão de Bauman (2008, 2009) os prejuízos de tais trocas de modelos de subjetividade agora centradas na relação produção/consumo nos faz ver que riqueza e felicidade não possuem uma ligação direta, e que a insatisfação é uma característica primordial reforçada por uma lógica social do consumo e do descarte. Esta lógica é funcional neste tipo de sistema.

Os discursos contemporâneos em torno da existência humana supõem que o sujeito que tem remuneração satisfatória correspondente ao seu trabalho consegue alcançar ou ampliar a sensação de felicidade, o que revela que o trabalho mostra-se não está mais atrelado a uma moral trabalhista, mas sim à finalidade única do consumo (BAUMAN, 2000, 2001). A ampliação da relação de consumo que invade todos os setores da vida passa a demarcar o campo da

felicidade e da liberdade. Os mercados, de posse dessa lógica, prefiguram a subjetividade aos seus moldes, utilizando-as de forma estratégica em prol do 'bom' funcionamento dos mercados. Assim apoderam-se da ânsia pelo consumo e a direcionam para uma prática cada vez mais alienante. As relações funcionam a partir de um olhar mercantil, retratando o outro como produto, sendo reduzido a coisas em prateleiras.

Bauman traça um panorama da sociedade contemporânea sem fornecer proposições fáceis para romper com o perverso processo de liquefação da modernidade. Bauman, sem ser didático, aponta caminhos criativos de transcender o real a partir de novas resoluções. Escrever e pensar, a partir das necessidades que a realidade nos apresenta, criar saídas alternativas (PICCHIONI, 2008, p.05).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de derretimento dos marcos sociais do projeto da modernidade, torna evidente a travessia de uma ética trabalhista para uma estética do consumo, bem como o advento de uma conjuntura que impossibilita o desenvolvimento de comunidades reais em consequência da fragilidade e superficialidade na formação de laços humanos, que prioriza as relações em rede onde o não conectar/conectar torna-se ferramenta principal das relações de descarte, e onde indivíduo percebe o outro apenas como objeto e as relações se estabelecem não mais por afinidades e sim por um jogo de interesses mecanicistas ao alcance de um clique.

As relações estão cada vez mais distantes do real e digitalmente "ideais", irreais experiências da alteridade. Na contínua construção da identidade e enriquecimento existencial da personalidade é a necessidade de vividas formas de socialização. Isso nos leva a uma reflexão, com um mundo cada vez mais volátil, em que se basearão nossas relações futuras, qual será a fundação que levará a sociedade a um novo espírito de comunidade? Uma época em que a própria ideia de fundação caduca.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1958.
- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1961.
- AZEVEDO, M. **Entroncamentos e entrechoques: vivendo a fé em um mundo plural**. São Paulo: Loyola, 1991.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- HABERMAS, J. **O discurso filosófico da Modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1985.
- MARX, K e ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.
- MINOIS, G. **História da solidão e dos solitários**. São Paulo: Unesp, 2019
- OLIVEIRA, Larissa Pascutti. **ZYGMUNT BAUMAN: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida**. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/download>. Acesso em: 19 nov. 2012.
- PICCHIONI, Marta Serra Young. Modernidade Líquida. **Resenha in Revista ACOALFAplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa**, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007.
- SCHAFF, Adam. **O Conceção Marxista do Indivíduo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SCHAFF, Adam. **O Marxismo e o Indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.